

A Batalha do Riachuelo no jornal Dezenove de Dezembro: guerra e identidade nacional*

The Riachuelo Battle on the Dezenove de Dezembro Journal: War and National Identity

Luis Fernando Tosta Barbato

Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professor do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM).

RESUMO

Este artigo tem como objetivo buscar como a Batalha do Riachuelo figurou no jornal Dezenove de Dezembro, importante periódico do Paraná oitocentista. Através da análise das notícias publicadas em pleno conflito, poderemos observar quais foram os impactos que a Guerra do Paraguai, da qual a Batalha do Riachuelo foi um de seus pontos altos, tivera sobre os sentimentos nacionais brasileiros e como contribuiu para levar às províncias os sentimentos de pertencimento à até então nação brasileira em formação.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra do Paraguai; Imprensa; Identidade Nacional

ABSTRACT

This article aims to look like the Riachuelo Battle figured in Dezenove de Dezembro newspaper, an important journal of nineteenth-century Paraná. Through the analysis of the news published in the midst of conflict, we will see what were the impacts that the War of Paraguay, which the Riachuelo Battle was one of its highlights, have on national Brazilian feelings and how helped to take to the provinces feelings of belonging to the Brazilian nation in formation.

KEYWORDS: War of Paraguay; Press; National Identity

INTRODUÇÃO

A Guerra do Paraguai – também conhecida como Guerra da Tríplice Aliança – figura como um dos episódios mais marcantes da história do Brasil oitocentista, primeiro pelo seu próprio caráter bélico, uma vez que foi o maior conflito externo no qual o Brasil já se envolveu, tanto pela sua duração quanto pelo número de vítimas. No mais, a Guerra do Paraguai ainda é importante dentro dos estudos do Brasil Imperial por trazer uma série de consequências políticas que redundaram na própria manutenção política da Monarquia Brasileira.

Mas, dentre todas as questões que a Guerra do Paraguai suscita, a que buscamos compreender aqui é a sua importância para a formação da identidade nacional brasileira, outro ponto no

* Artigo recebido em 27 de abril de 2015 e aprovado para publicação em 12 de junho de 2015.



qual esse conflito ganhou destaque dentro da historiografia dedicada aos estudos do século XIX e da formação do sentimento de identidade nacional no Brasil, uma vez que a guerra serviu para unir, pela primeira vez na história, os brasileiros das mais diversas províncias em torno de um ideal comum, no combate contra um inimigo comum (ARAÚJO, 2012; CARVALHO, 1998; DORATIOTO, 1996).

Como nos trouxe José Murilo de Carvalho, a Guerra do Paraguai promoveu intenso entusiasmo cívico, com a formação de batalhões de voluntários combatentes, e com as vitórias – principalmente as do início do conflito – sendo comemoradas intensamente nas ruas do país (CARVALHO, 1998, p. 332), o que ajuda a compreender a importância da Guerra do Paraguai para a formação da identidade nacional brasileira.

No entanto, o que buscamos aqui é observar como isso se deu no interior das províncias, e como a Guerra do Paraguai repercutiu nas zonas não envolvidas diretamente no conflito, e assim ver como esse sentimento de elevação dos ideais patrióticos e identitários se deram no decorrer do conflito. Para isso, optamos trabalhar a repercussão da Batalha do Riachuelo, uma das mais importantes da história da Guerra do Paraguai e da própria história militar do Brasil, no jornal *Dezenove de Dezembro*, um Periódico de Curitiba, publicado entre os anos de 1854 e 1890, e que tinha o intuito principal de trabalhar as questões referentes à Província do Paraná (MIZUTA, 2012, p. 4.720-4.721).

O jornal *Dezenove de Dezembro* é um exemplo interessante para ser trabalhado a questão da importância desse conflito na formação da identidade nacional do país, isso porque ele era um jornal essencialmente regional, nascido com o intuito mostrar as informações da Província do Paraná aos seus próprios habitantes. De suas 4 páginas habituais, a maior parte era dedicada aos assuntos provinciais, sendo os assuntos referentes ao restante do Império ocupantes de parte diminuta de seu conteúdo, o que ressalta seu viés regionalista.

No entanto, nos momentos altos do conflito, que já ocupava um espaço regular em seu conteúdo, como veremos, como foi o caso da Batalha do Riachuelo, grande parte de suas páginas foram dedicadas a ele, o que

ressalta a repercussão que esse assunto despertava na população, atraindo mesmo os leitores que estavam mais interessados nos assuntos provinciais que nos nacionais.

Assim, o que veremos a seguir é como a Guerra do Paraguai, e em especial a Batalha do Riachuelo, foi trabalhada dentro desse periódico, ressaltando assim esses aspectos que levantamos até então.

A BATALHA DO RIACHUELO NO JORNAL DEZENOVE DE DEZEMBRO

Como dissemos, a Guerra do Paraguai foi um momento no qual a identidade nacional brasileira se fortaleceu, dentro do qual a Batalha do Riachuelo se tornou um ponto alto na elevação desse sentimento. Nesse sentido, a ver pelas palavras presentes no periódico sobre o conflito, mesmo antes da batalha na bacia do Prata, podemos perceber que os sentimentos nacionalistas se afluavam no momento em que, em meio às notícias provinciais, próprias do jornal *Dezenove de Dezembro*, surgiam as notícias e manifestações referentes ao conflito, como no trecho a seguir, que presta uma homenagem a Joaquim Dias da Rocha, paranaense e combatente na Guerra do Paraguai, publicada no dia 10 de junho de 1865, portanto, às vésperas da batalha do Riachuelo¹.

Grandiosa é a oferta para o cidadão que a avalia; pesado é o sacrifício para o esposo e o pai que o sopesa: o escóte que o illustrado brasileiro vai pagar no marcial jogo entre os filhos da liberdade e os párias paraguayos, é digno de espartanos feitos (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1865a, p. 4).

Pelas palavras mostradas acima, podemos notar todo o sentimento nacionalista que o conflito provocava no Brasil, primeiro, ao perceber o uso da palavra “brasileiro” para se referir ao combatente, evidenciando que havia um ideal e um envolvimento em caráter nacional relativos ao conflito, no qual as identidades regionais eram suprimidas em prol da identidade nacional, e depois pelas palavras utilizadas para se referir ao inimigo, construindo-o como oposto aquilo que forma o ideal brasileiro. Enquanto os brasileiros são unificados sob

a égide de “filhos da liberdade”, em uma conotação nitidamente positiva, aos paraguaios recaem palavras nada alentadoras, sendo alcunhados sob o viés negativo de “párias”.

No trecho a seguir, publicado na edição de 14 de junho, e que trazia notícias referentes à derrota paraguaia frente às forças argentinas, em uma batalha próxima à cidade de Corrientes, também ficam claras as intenções de se marcar uma identidade e de barbarizar o inimigo:

Depois de uma campanha gloriosa no Estado Oriental, que destruiu os perigos de uma seria complicação das repúblicas vizinhas contra o Imperio, o Brasil as tem por aliadas contra o cacique paraguayo, que não poderá resistir ao primeiro arrojado de forçar colligadas, nas quaes destaca o exército brasileiro compostos de voluntarios briosos, e que ardem por desaffrontar sua pátria (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1865b, p. 4).

Mais uma vez o sentimento de pertencimento ao Brasil é reforçado, e a exaltação se faz presente, ao mesmo tempo em que, mais uma vez, os paraguaios aparecem como inferiorizados, o que fica evidente ao se tratar de Solano Lopez como um cacique, ou seja, alguém que comanda apenas uma horda de bárbaros indígenas, em um contexto no qual esses elementos ainda eram considerados inferiores e pouco, ou não, civilizados (BARBATO, 2014b, p. 98-107). Portanto, aproximar o líder paraguaio de um cacique ajuda a reiterar a superioridade brasileira, e enaltecer os brios dos seus habitantes, enquanto coloca os paraguaios em um patamar de inferioridade.

No entanto, vale ressaltar que aos paraguaios, dentro do jornal, também cabem certos elogios. Eles são retratados também como “bem armados” e “valentes”, e o poder de suas forças militares também é destacado (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1865c, p. 3).

Tudo isso se insere dentro do contexto de formação da identidade nacional brasileira, que teve início no século XIX e ainda estava vigente no período do conflito (BARBATO, 2014a). Isso porque podemos analisar a nação como algo construído historicamente – principalmente

por filólogos e historiadores, que sob muitos aspectos forneceram a lógica e o mapeamento de suas nações ainda aspirantes, como nos traz Smith –, na busca por dar ao mundo a noção de que ele era formado por diversas comunidades, cada uma possuidora de um caráter e de uma história singulares, cada uma resultado de origens e acontecimentos específicos, que interagiam entre si (SMITH, 2000, p. 185).

Um complexo de características físicas e mentais, capazes de distinguir uma nação da outra, era trazido à tona. Surgia então o conceito de caráter nacional na nossa história (BAUER, 2000, p. 47). A partir disso, notamos que para que uma nação se sustentasse, havia também a necessidade de distinção, havia a necessidade do outro. Ou seja, elementos capazes de garantir uma identidade nacional eram necessários, como nos mostra José Carlos Reis:

As identidades são relacionais e mudam em cada relação. A identidade precisa de algo fora dela, da alteridade, outra identidade, que ela não é, e nessa relação com o outro, as identidades são construídas. Uma identidade exclui, cria o exterior. Ela é uma homogeneidade interna, um fechamento. É um ato de poder. As identidades são construídas no interior do jogo de poder e da exclusão. Não são naturais, mas difundidas em lutas históricas (REIS, 2006, p.12).

Portanto, como diz Edgar de Decca, a identidade de um grupo forma-se normalmente por sinais externos e por um conjunto de símbolos e valores a partir dos quais se opera uma identificação (DECCA, 2002, p. 7-20). Segundo Stuart Hall, há o que ele chama de narrativa da nação, que, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular, fornece uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação (HALL, 2005, p. 52).

Nesse sentido, quando se coloca os paraguaios como párias, ou se compara seu líder a um cacique, em um caráter oposto

àquele empregado aos brasileiros, trazidos como bravos e civilizados, na verdade se observa um movimento característico desse momento da construção da identidade nacional brasileira próprio do século XIX e fortemente orientado pelo Estado.

Fica clara aqui a construção do “outro” na figura dos paraguaios, que servem de contraponto aos brasileiros, e que acabam para delimitar sua diferença e sua unidade. E mais, mostrar a força do inimigo caminhava no mesmo sentido de fortalecer esses laços nacionais, por isso certos elogios também eram válidos, afinal, bravos só são bravos quando testados perante um inimigo forte, e nesse momento fazia todo sentido que as forças paraguaias fossem fortes, de maneira a valorizar ainda mais os feitos brasileiros.

Dessa maneira, a Guerra do Paraguai, dentro do jornal Dezenove de Dezembro, já vinha se mostrando como um elemento importante para a construção da identidade nacional brasileira, pois era o momento ideal para surgirem diferenças, homogeneidades, heróis e feitos históricos, dando forma às narrativas que dariam sentido à nação brasileira. Mas foi com as notícias referentes à Batalha do Riachuelo que tudo isso ficou ainda mais evidente.

No entanto, mesmo a referida batalha tendo ocorrido no dia 11 de junho de 1865, foi só no dia 1 de julho do mesmo ano, devido às distâncias e dificuldades de comunicação, que as primeiras notícias relacionadas a ela começaram a chegar em Curitiba. As primeiras notícias foram dadas com parcimônia pelo jornal, por não serem confiáveis e apresentarem certas divergências em suas informações:

Logo que aqui chegou o vapor Brasil, espalhou-se a noticia de ter havido grande combate entre a força naval do império em operações no rio Paraná com a esquadilha paraguaya, resultando desse combate a perda de 3 vapores inimigos, etc, etc. Semelhante nova não nos merece todo o credito porque as comunicações particulares a respeito divergem alguma coisa entre si (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1865a, p. 4).

Ultima hora – corre por certo aqui no exercito, que houve um combate naval, que durou 13 horas e que ficou preso o almirante paraguayo em nosso poder; e que dous vapores da nossa esquadra ficaram inutilizados (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1865a, p. 4).

Um capitão da força do general Netto, vindo de Paysandú, acaba de nos transmitir com a maior veracidade, a importante noticia de que nossa esquadra obtivera um completo triumpho sobre a esquadilha paraguaya, estacionada em Corrientes, a qual fôra batida completamente, indo a pique três vapores, capturados dous e os mais haviam fugido rio acima (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1865a, p. 4).

Desta maneira, podemos observar que as primeiras notícias sobre o confronto já começavam a se espalhar pelo país, no entanto, como se tratavam de notícias ainda preliminares, e com divergências entre si, a elas não foi dado muito crédito, sendo que o próprio jornal alertou essa questão a seus leitores.

Foi somente na edição de 8 de julho, portanto, quase um mês inteiro passado da data do combate, que a notícia da Batalha do Riachuelo foi dada com confirmação no jornal paranaense, e agora, já com credibilidade, o feito foi tratado com entusiasmo. A ver pela notícia, a batalha teve grande repercussão entre os habitantes da província:

Confirmaram-se as noticias que ha dias publicámos. A nossa esquadra obteve o mais completo triumpho nas aguas do Paraná. Logo que a esta capital chegou a confirmação da noticia de tão assinalada victoria (ant’hontem) subiu no ar uma infinidade de foguetes e illuminaram-se todas as casas, percorrendo as ruas uma banda de bella musica cujos sons só eram interrompidos pelos vivas e aclamações aos bravos da esquadra brasileira (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1865d, p. 2).

Mas é no trecho a seguir que podemos ver o quanto a Batalha do Riachuelo significou

nesse contexto de construção de uma identidade nacional para o Brasil, e como ajudou a insuflar ainda mais os ânimos nacionalistas que o jornal já vinha colocando em prática:

O feito do Riachuelo é um desses lances heroicos com que fica para sempre cimentada a honra dos que nelle vencem (...). A esquadra brasileira do commando do chefe Barroso cobriu de gloria o pavilhão ouri-verde, vindo com seu triumpho robustecer a opinião que sempre temos tido do soldado de honra, qualquer que a bandeira que o cubra (...). Honra aos heroes das aguas do Paraná! Louvor ás armas imperiaes! Hurrah! mil vezes hurrah! aos nossos aliados (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1865d, p. 2).

A edição do dia 8 de julho ainda traz uma série de descrições de detalhes da batalha, e traz ainda que “em Buenos-Ayres e aqui a victoria da esquadra brasileira nas aguas do Paraná despertou uma alegria louca, um entusiasmo que chega ao delírio! Calculo o que succederá em todo o império” (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1865d, p.2).

Das descrições presentes nessa mesma edição sobre a Batalha do Riachuelo, uma delas, relatada, segundo o periódico, por um soldado que participou diretamente no conflito, apesar de bastante longa, vale aqui ser apresentada, pela riqueza dos detalhes que traz sobre o desenrolar do combate:

Hontem ás 8 horas da manhã avistámos os navios inimigos, e ás 8 $\frac{3}{4}$ passavam por nós, principian-do logo vivo fogo de parte a parte. O *Amazonas* estava com fogo abafado, espertou-o immediatamente e depois de prompto seguiu acompanhado por toda a esquadra a bater o inimigo, que se achava pairando abaixo do ponto onde estavamos, no Riachuelo. Não se póde imaginar o terrivel fogo que se trocou de lado a lado.

A esquadra paraguaya compunha-se de oito vapores e seis chatas com 47 bocas de fogo, alguma de calibre 80, e foi apoiar-se em uma bateria que estava occulta

sobre a barraca, que tinha nada menos do que 40 bocas de fogo de calibre 80 e 68! A nossa esquadra se compunha de nove navios com 62 bocas de fogo de 30, 32 e 68.

As chatas, em mãos de verdadeiros artilheiros, podiam ter mettido a pique todos os nossos navios, porque faziam um tiro raso, com peças de 80, e seus soldados estavam encobertos. Mas a justiça de nossa causa e pericia do nosso chefe, que, sempre firme no passadiço, mandava a manobra e o fogo, com o intrepido pratico Bernardino ao seu lado, assegurou-nos a victoria, que foi disputada com verdadeiro encarniçamento de parte a parte.

Só o *Amazonas*, convertendo-se em um navio ariete, teve a gloria de metter a pique tres vapores inimigos e uma chata, e, sempre continuando o fogo, o inimigo teve de render-se, perdendo quatro vapores e as seis chatas, cinco das quaes ficaram em nosso poder, fugindo para cima sómente quatro vapores, e estes mesmos mui maltratados.

O *Jequitinhonha*, com o chefe Segundino Gomensoro, segundo da esquadra, foi infeliz, porque encalhou logo quando pretendeu cortar a linha inimiga. O arrojo desse chefe foi indizível e elle ficou contuso em uma perna. O pratico do navio morreu.

A posição em que encalhou, debaixo do fogo das baterias, tornou impossivel sua salvação; mas está completamente perdido, crivado de balas e metralhas, e o distincto commandante do *Amazonas* foi encravar a sua artilharia debaixo do mais vivo fogo.

O *Paraguay*, *Salto* e *Jeju* estão no fundo. O commandante do segundo e o seu filho se acham na *Mearim*, ambos feridos, porém este gravemente. O medico e dous machinistas inglezes do primeiro se acham na *Iguatemy*, assim como um soldado de infantaria do terceiro, que declarou que cada chata tinha 50 soldados de infantaria, e que o vapor *Rio Branco* tinha ficado em Assumpção. O *Marquez de Olinda*, também tomado pelo

Amazonas, está já cheio d'água e encahalado abaixo da posição que ficou ocupando a nossa esquadra. Ficaram muitos feridos e prisioneiros em nosso poder, e entre os primeiros o commandante Roble, do *Marquez de Olinda*, irmão do general que devasta a provincia de Corrientes com suas hordas.

Este desgraçado pagou a caridade do chefe Barroso, que por suas proprias mãos lhe pensou as feridas, com um acto de verdadeira selvageria, arrancando com os dentes as ligaduras e deixando-se morrer.

As chatas eram verdadeiras machinas de guerra, e os paraguayos mais uma vez mostraram que são valentes, arrojados e activos. Foram derrotados porque servem a uma causa condemnada, e porque encontraram ainda mais valentia, arrojo e actividade do que os que possuem nos heroes de nossa esquadra.

Elles obedecem cegamente a seus superiores, e preferem morrer pelejando a se entregarem; porque vimos o rio coalhado de paraguayos que se tinham atirado a agua, apezar da correnteza, para se salvarem, o que poucos conseguiram pelo fogo de nossos navios. (...).

As armas de que usavam os paraguayos são inglezas, de adarme 17, e outras antigas de pederneiras, as espadas de bom aço e bem cortantes.

A perda do inimigo foi espantosa. Do vapor *Salto*, cujo commandante, irmão de Roble, foi nosso prisioneiro, morreram dous medicos paraguayos e todos os officiaes. (...).

O *Paraguay* não foi mettido a pique pelo *Amazonas*, mas sim pela *Parnahyba*.

Sabe-se que em Assumpção só tinham ficado duas chatas com o vapor *Rio Branco*: estes tres navios, reunidos ao *Taquary*, que fugiu, constituem hoje toda a esquadra inimiga, não valendo a pena falar nos tres ou quatro vapores mais pequenos que ainda lhe restam. (...).

Tivemos a infelicidade de perder os seguintes officiaes e praças:

do *Amazonas* um cadete, um guardião, o serralheiro, e 14 praças da marinhagem e tropa; da *Belmonte* o 2º tenente Julio Carlos Teixeira Pinto, e 9 praças; da *Parnahyba* o guarda marinha Greenhalgh, o mestre, o capitão do 9 Pedro Afonso, um tenente e um cadete do mesmo batalhão, entre os mortos 33, feridos 28 e extraviados 22. Foi o navio que mais soffreu, porque em seu acanhado espaço se reproduziam scenas dignas dos tempos heroicos. Tres vapores paraguayos o abordaram, e lançaram na sua tolda um formigueiro de gente. Toda a guarnição do rodizio de ré e os officiaes que ahi estavam, e que são os já mencionados, foram pasados a fio de espada. (...).

Por informações dadas pelo tenente Alcarae, commandante do vapor *Salto*, se soube que a esquadra inimiga, além de sua guarnição, trazia 3.000 homens de abordagem, O *Salto* tinha 110 praças, o *Taquary* 180, o *Paraguay* 145, o *Marquez de Olinda* 140, todos sómente de abordagem, homens que desprezam a espingarda, e atiram-se com seus grandes facões bem amolados, com os quaes cortaram trincheiras, cabos, etc.

Tomaram-se varias bandeiras, um piano e muito armamento.

Para mais detalhes, leam-se as partes officiaes que abaixo transcrevo, as quaes confirmam tudo quanto acima descrevo. (...) (DEZE-NOVE DE DEZEMBRO, 1865d, p. 3).

Como frisamos, a descrição é longa, mas nela encontramos uma série de dados e descrições referentes à Batalha do Riachuelo, o que justifica sua presença. No mais, tal descrição também pode ser considerada longa para os padrões do jornal Dezenove de Dezembro, que tinha como escopo a publicação de informações referentes à Província do Paraná, como frisamos anteriormente, sendo que as notícias relacionadas às demais partes do Império Brasileiro ocupavam um espaço diminuto dentro da publicação. No entanto, nessa edição, foi dedicado mais da metade do espaço do jornal às notícias da Batalha do Riachuelo, da qual a descrição anterior é componente, o que res-

salta a repercussão dessa batalha no Brasil da época. Como trouxe o próprio jornal, antes de introduzir essa descrição que apresentamos, ela trouxe os detalhes que os leitores estavam “curiosos de conhecer” (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1865d, p. 3).

As próximas edições trazem ainda as repercussões da Batalha do Riachuelo, como a recepção da notícia em outras cidades, e homenagens que se prestou na Província do Paraná aos heróis e aos mortos do embate. No mais, outras notícias da Guerra do Paraguai continuam a ser publicadas no jornal paranaense, continuando a exaltação do nacionalismo brasileiro.

Desta maneira, podemos considerar a Guerra do Paraguai como um dos marcos da formação da identidade nacional brasileira, pois pela primeira vez o Império Brasileiro enfrentou um inimigo externo de grandes proporções, o que acabou alimentando os sentimentos de unidade nacional frente a esse inimigo comum de todos os brasileiros. E a ver pelo que observamos aqui, dentro desse contexto de exaltação da pátria através da Guerra do Paraguai, a Batalha do Riachuelo foi um dos pontos altos desse momento, ganhando grande destaque nos jornais da época, dos quais, o Dezenove de Dezembro, publicado em Curitiba, e nascido com o intuito de levar as notícias da Província do Paraná aos seus habitantes, nos serve de exemplo.

Vale ressaltar ainda a importância da própria imprensa na construção desses ideais de nação, não sendo ela apenas um palco de recepção e difusão desses ideais, mas também um dos elementos de construção dessas identidades, como nos traz as palavras de André Caparelli a seguir, e a ver como o Dezenove de Dezembro tratou o conflito, as notícias que resolveu publicar e as palavras que usou para isso, podemos ver claramente seu papel ativo na construção desse sentimento nacional:

(...) mas a imprensa não é apenas um objeto portador, o pano de fundo desses discursos nacionalistas. Considerando-a assim, nós negligenciamos aquilo que lhe é essencial: seu papel ativo na mediação desses discursos. (...) A sociologia-bibliográfica, por sua vez, ensina-nos que o *status* e a interpretação de uma obra dependem também de sua materialidade, que o autor desempenha um papel essencial, juntamente com o editor, na definição das formas dadas às suas obras, e que toda significação de um texto é historicamente situada, depende das leituras, diferenciadas e plurais, que lhe atribuem um sentido (CAPARELLI, 2012, p. 26-27).

Mesmo sendo o Dezenove de Dezembro um jornal sem relação com os círculos militares, e mais preocupado com os problemas regionais do que os nacionais, a Guerra do Paraguai e a Batalha do Riachuelo são elementos que despertam os ânimos e a curiosidade das pessoas, e a ver pelas palavras entusiasmadas que mostramos, despertavam as paixões, mostrando que, de fato, a Guerra do Paraguai serviu para fomentar os ideais nacionalistas no Brasil Imperial, tendo a imprensa uma atuação ativa nesse sentido.

E vale ressaltar que já naquele momento, ainda próximo ao calor do combate, as palavras publicadas no periódico já davam uma prévia de como a Batalha do Riachuelo seria lembrada na história do Brasil: “gloriosa jornada de 11 de junho ficará eternamente memorial nos annaes da nossa marinha. No Rio da Prata mesmo a consideram como o maior e mais esplendido combate que naquelas aguas se tem dado” (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1865d, p. 2).

¹ Vale ressaltar aqui que, apesar de essa edição ter sido publicada apenas 1 dia antes da Batalha do Riachuelo, devido às dificuldades de comunicação próprias daquele tempo, as primeiras notícias do conflito só começarão a aparecer, ainda em forma de notícias não confirmadas, na edição do dia 1 de julho do mesmo ano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Tiago Gomes de. *A identidade nacional brasileira na Guerra do Paraguai (1864-1870)*. Universidade de Brasília: Brasília, 2012 (tese de doutorado).

BARBATO, Luis Fernando Tosta. A construção da identidade nacional brasileira: necessidade e contexto. *Revista Eletrônica História em Reflexão*. Vol. 8 n. 15 – UFGD – Dourados, jan/jun, 2014a.

BARBATO, Luis Fernando Tosta. A raça em revista: um guia de artigos comentados sobre a questão racial nas revistas do IHGB (1870-1902). *Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia*. V. 5, N.1, Janeiro-Julho de 2014b.

BAUER, Otto. A nação. In: BALAKRISHNAN, Gopal. *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

CAPARELLI, André. Identidade e alteridade nacionais: transferências culturais na imprensa brasileira do século XIX. In: GUIMARÃES, Valéria (org.). *Transferências Culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Edusp, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

DECCA, Edgar Salvadori de. Cidadão, mostre-me a identidade! In: *Caderno Cedes*. Campinas, V.22, nº 58, pp. 7-20, 2002.

DORATIOTO, Francisco Fernando. *O conflito com o Paraguai: a grande guerra do Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MIZUTA, Celina Midori. Imprensa e educação no Paraná durante o governo de Zacarias Góes e Vasconcelos. *Anais eletrônicos do IX Seminários Nacional de Estudos e Pesquisa "História, Sociedade e Educação no Brasil"*, UFPB, 2013.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bonfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SMITH, Anthony D. O nacionalismo e os historiadores. In: BALAKRISHNAN, Gopal. *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

FONTES

Dezenove de Dezembro. Ano XII, nº 595. Curitiba: Typographia de Candido Martins Lopes, 1865a.

Dezenove de Dezembro. Ano XII, nº 596. Curitiba: Typographia de Candido Martins Lopes, 1865b.

Dezenove de Dezembro. Ano XII, nº 601. Curitiba: Typographia de Candido Martins Lopes, 1865c.

Dezenove de Dezembro. Ano XII, nº 603. Curitiba: Typographia de Candido Martins Lopes, 1865d.

